

Os bancos comerciais estão inquietos com o Plano Brady

Por trás das cautelosas boas-vindas com que a maioria dos dirigentes de bancos comerciais acena em público às propostas de dívida do Terceiro Mundo delineadas pelo secretário do Tesouro norte-americano existe uma sensação de inquietação. Apresentadas por Nicholas Brady como a continuação das idéias anteriormente preponderantes e minimizadas por alguns críticos como nada mais do que uma adaptação da estratégia existente, a maioria dos banqueiros privados reconhece que a verdade é diferente.

As propostas de Brady invertem muitos elementos críticos da abordagem anterior. Ao salientar a redução voluntária de dívida, acelerada com o apoio financeiro do Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial, os Estados Unidos reconheceram implicitamente que — pelo menos para os países que adotam o tipo correto de medidas econômicas — a capacidade de pagar deve ser um fator para decidir o que os países devem pagar.

Como o início das conversações do México com seus principais bancos credores em Nova York deverá fornecer o primeiro exemplo operacional do Plano

Brady em ação, a maioria dos banqueiros reconhecerá que não conseguirá forçar o gênio de volta à garrafa. Têm razão de ficar preocupados. As expectativas do Plano em alguns países devedores podem ter aumentado para níveis insustentáveis.

É também compreensível que os bancos, especialmente os baseados fora dos Estados Unidos, não queiram ser usados como instrumentos da política externa norte-americana. Se, como argumentam, as propostas norte-americanas estão sendo impulsionadas pela preocupação com o impacto da crise econômica no México sobre os fluxos de emigrantes para os Estados Unidos e, em menor escala, também o impacto do impasse na dívida sobre as democracias emergentes no Hemisfério Ocidental, por que o governo norte-americano não contribui com algum dinheiro próprio?

Mas a principal preocupação dos banqueiros é com seus próprios balanços. O corolário da redução de dívida é o reconhecimento de prejuízos pelos bancos comerciais e não se espera que aplaudam isto. A maioria dos grandes bancos pode aceitar os prová-

veis prejuízos, mas alguns poderão enfrentar problemas. Poderão sustentar que muitos países devedores tomaram empréstimos excessivos e aplicaram os recursos insensatamente. Mas o empréstimo excessivo também significa o financiamento exagerado e os sacrifícios até agora foram feitos quase totalmente pelos devedores — embora devam enfrentar ainda mais reformas econômicas. Os bancos escaparam com danos relativamente pequenos.

A segunda fonte de pressão são os governos ocidentais em seus papéis de autoridades fiscais e regulamentadores do sistema bancário, que podem escolher entre o uso de incentivo ou de punição. Os banqueiros salientam, corretamente, que em primeiro lugar foram estimulados a emprestar pelos governos ocidentais ansiosos pela reciclagem dos superávits da OPEP da década de 70. Portanto, seus governos devem suavizar o caminho para a participação dos bancos na redução de dívida.

Os Estados Unidos e outros governos ocidentais querem atualmente que os bancos forneçam incentivos positivos, e não negativos. Mas se os bancos fo-

rem obstrutivos, essas atitudes poderão mudar, já que o governo norte-americano não pode perder sua batalha sobre o México: o cacife em jogo é muito elevado.

O México não é a soma total da crise de dívida. As propostas Brady prevêem a diversidade de devedores e bancos credores. Com a menor necessidade de financiamento coordenado, os bancos credores poderão individualmente ter melhores condições de escolher a estratégia que se ajuste aos seus próprios interesses. Essa vantagem mais que compensa os riscos da nova abordagem e justifica a participação ativa em uma série de programas de dívida.

Business Week

Os EUA podem ser um grande cassino

O jogo legalizado, nas suas formas variadas, está-se expandindo rapidamente. Há vários motivos. Por exemplo, as novas tecnologias de jogo estão tornando a jogatina mais fácil, mais excitante e mais

acessível. Mas igualmente importante é a aura de legitimidade do jogo que tem sido promovida cuidadosamente pela natureza dos que estão defendendo os jogos: governos estaduais e conglomerados de lazer e diversões.

Seria tolo e desnecessário proibir o jogo, mas existem alguns problemas sérios relacionados com o jogo. Um deles é o papel do Estado como promotor de loterias. Pense como sentiríamos se o Estado não só vendesse bebidas alcoólicas como também as anunciasse na televisão. Há também um conflito de interesses: o Estado está administrando os jogos como também os regulamenta.

Um problema que vai além da loteria estadual é o grande número de viciados de alta pressão que participa do aumento do jogo em todas as suas formas. O jogo é muito suscetível a estímulo por publicidade — assim como à disponibilidade de oportunidades do jogo e a atração da forma de jogo. (A nova tecnologia é tornar os jogos, notadamente o videopôquer, extraordinariamente sedutores.) Então, o resultado de tudo isso, a proliferação dos locais de jogo e os no-

vos jogos empolgantes têm sido persuadir as pessoas a fazer apostas cada vez maiores. Muitos dos convencidos são pessoas de baixa renda, com menos condições de sustentar o jogo.

Embora o jogo deva continuar legalizado, é preciso fazer algo para deter a propensão dos norte-americanos de correr atrás de algo, em troca de nada. Os estados deveriam abandonar os negócios de loteria. Se insistirem em captar recursos através de loterias, que concedam licenças a vendedores privados, assim como os estados licenciam as lojas de bebidas alcoólicas. Os políticos estaduais são atraídos pelas loterias porque cada dólar obtido é um dólar que o Estado não precisa conseguir através de impostos. Mas as loterias não produzem uma enorme soma de dinheiro para os tesouros estaduais — menos de 5% dos orçamentos. E algo deve ser feito sobre o vício. Controlamos a publicidade de bebidas alcoólicas e de cigarros; devemos controlar também a publicidade do jogo. O modelo britânico é sensato: comporta a demanda de jogo sem a estimular.